
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

SEXUALIDADES “INVERTIDAS” E TRANSGRESSORAS: BOM-CRIOULO E O DETERMINISMO NO NATURALISMO BRASILEIRO

Erica Schlude Wels¹ (UFRJ)
e Aline de Freitas Germano² (UFRJ)

RESUMO: O objetivo do presente artigo é, primeiramente, reunir algumas visões da historiografia literária brasileira acerca da obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (1991 [1895]). Apesar da polêmica que o cercou, quando da sua publicação, o romance é visto como um dos pioneiros, em língua portuguesa, no tratamento do homoerotismo. Nossa hipótese principal é a centralidade da temática da sexualidade, compondo um trágico triângulo amoroso marcado tanto por avanços – herói negro, romance interracial, denúncia dos castigos físicos na marinha, quanto por retrocessos, ou permanências – insistência numa postura ativa (tipo masculino, como Amaro) versus passiva (tipo feminino, como o jovem grumete Aleixo). Assim, a obra embaralha os gêneros (Amaro – Aleixo – Carolina), para em seguida sustentar certos essencialismos ao demarcar tipos masculinos e femininos. Tal postura é condizente com o arcabouço teórico científico da época, base do ideário naturalista, presente no pensamento de Sigmund Freud, aqui sintetizado. Nas chamadas “inversões”, assim como nos conceitos de “pulsão” e “libido”, teorizados por Freud, ecoam as descobertas de Charles Darwin.

PALAVRAS-CHAVE: *Bom-Crioulo*; naturalismo; “inversão”.

“INVERTED” AND TRANSGRESSIVE SEXUALITIES: BOM-CRIOULO AND DETERMINISM IN BRAZILIAN NATURALISM

ABSTRACT: Primarily, the present article aims to gather some points of view of the Brazilian literary historiography about the work *Bom-Crioulo* (1991, [1895]), by Adolfo Caminha. Despite the controversy surrounding it, the novel was considered one of the pioneers of the Portuguese language on the approach of Homoeroticism at the time it was published. Our principal hypothesis is the importance of the sexual thematic, which composes a tragic love triangle, characterized as well as by advances – a black hero, an interracial romance, denunciation of the physical punishments on the Navy, but also by retreats or continuities – insistence for an active position (masculine types as Amaro) versus passive (feminine types as the young cabin boy Aleixo). Therefore, the work shuffles the genders (Amaro – Aleixo – Carolina) to shortly sustain certain essentialisms to distinguish between masculine and feminine types. However, this position is compatible with the scientific theoretical framework of this time, the basis of the naturalistic ideology, also present on the here summarized thinking of Sigmund Freud. The so-called “inversions” as well as on Freud’s concepts of “Drive” and “Libido” echo the discoveries of Charles Darwin.

¹ eswels@letras.ufrj.br - <http://lattes.cnpq.br/6383798999057526>

² alinedefreitasgermano@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/5500241055905548>

KEYWORDS: *Bom-Crioulo*; naturalism; “inversion”.

Recebido em 30 de abril de 2021. Aprovado em 25 de junho de 2021.

“O navio, espaço em trânsito, entre-lugar entre mundos às vezes tão díspares.”

Maria Zilda F. Cury

INTRODUÇÃO

Adolfo Caminha nasceu no Ceará, em 1867, e faleceu em 1897. Segundo Howes (2005), o escritor atuou como funcionário público e oficial da marinha. Em 1895, já era conhecido pela publicação de *A normalista* (1893), além de artigos e críticas divulgadas na imprensa.

O *Bom-Crioulo* (1895) desenha a tragédia que une libidinosamente três personagens, tocando em temas tabu para a época, como um romance interracial, a homossexualidade e os castigos físicos presentes na Marinha. O objeto do presente artigo é apresentar uma leitura a partir dos marcadores sexuais e de gênero, num movimento tanto de manutenção das convenções naturalistas, quanto de transgressões, motivos que provavelmente levaram ao seu apagamento do cânone literário, até as décadas finais do século XX.

Na segunda metade do século XIX, a indústria açucareira já se encontrava em declínio e um novo molde de nação se delineava, em consonância com os anseios das classes médias urbanas, o incremento na economia e a propagação de idéias liberais, abolicionistas e republicanas. De acordo com Bosi (2012: 163), “de 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu, que na época se constelava em torno da filosofia positiva do evolucionismo.” Dá-se a passagem de uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, a um estágio de valores burgueses e urbanos. É importante frisar que “a arte realista-naturalista correspondeu ao período de consolidação do poder político da burguesia, na segunda metade do século XIX” (Abdalla e Campedelli 2004: 132).

As escolas realista e naturalista surgem na França, tendo como precursores Gustave Flaubert (1880-1954) e Émile Zola (1840-1902), respectivamente. Moisés (1985) sustenta que esses movimentos literários tinham como objetivo produzir uma arte que abandonasse o subjetivismo romântico e apresentasse leituras críticas da sociedade. Assim, “É uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais usados nas últimas décadas do século.” (Bosi 2012: 167)

Nelson Werneck Sodré (1965), comparando as abordagens realista e naturalista, afirma que o primeiro é mais esteticizante, recusando-se a atingir a profundidade analítica do segundo. Justamente essa qualidade evitaria o desprezo pela patologia, correntemente abordada pelo naturalismo:

O século XIX é conhecido como o período da sexualidade encarcerada, muda e hipócrita. E, no entanto, é nessa época que proliferam textos exibindo corpos nus e “perversões” de toda espécie. É lógico que essas ousadias eram permitidas porque, através do estudo e da análise dos chamados fenômenos anormais, o que se buscava era exatamente defender a normalidade e a ordem. (Castello Branco 2004: 53)

Todavia, a sexualidade é sempre marcada pelo signo do paradoxo; tanto como explosão discursiva, da qual fala Foucault (2006), quanto nas descobertas psicanalíticas, esconde um núcleo conservador: a catalogação de tipos “abjetos” e “desviantes” (ao renegar o ideal biologizante e reprodutor) segue critérios cientificistas.

O NATURALISMO NO BRASIL: O BOM-CRIOULO

O século XIX foi singular no que diz respeito à forma como os indivíduos moldaram suas percepções acerca do mundo. Essas noções foram atingidas por meio de uma grande investigação diagnóstica sobre a realidade e o ser humano. Estabelecer o conceito de Naturalismo não é tarefa das mais simples, sobretudo porque a objetividade difundida pelo movimento não foi uma característica exclusiva sua. Por essa razão, Abdalla e Campedelli (2004: 133) afirmam que “o conceito de Realismo-Naturalismo é bastante amplo”. Fundada em 1881 no Brasil, com o romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo (1853-1913), a corrente estética naturalista, segundo Oliveira, “pode ser compreendida como uma radicalização dos preceitos realistas, principalmente no que tange à concepção determinista do comportamento humano.” (2008: 57).

Em nosso país, o surgimento do Realismo está associado ao nome de Tobias Barreto (1839-1889), que propagou no país os ideais científicos, filosóficos e estéticos do Realismo europeu. Sílvio Romero (1851-1914), em *O Naturalismo em Literatura* (1882), reivindica para si a conquista de ter sido o introdutor do pensamento naturalista no Brasil. É de sua lavra *A poesia contemporânea e sua visão naturalista* (1869), ensaio que, segundo ele, escreveu quando Émile Zola ainda era desconhecido para o público brasileiro. De fato, Sílvio Romero difundiu, juntamente com Tobias Barreto, uma série de novas teorias, tais como: o Naturalismo de Charles Darwin (1809-1882), a base do evolucionismo de Herbert Spencer (1820-1903), a sociologia de Hippolyte Taine (1828-1893), ou melhor, seu método crítico-sociológico. Essa iniciativa provocou no Brasil um ambiente propício à aceitação, tanto do Realismo quanto do Naturalismo, uma vez que ambos existiram como consequência do advento do Positivismo, do Evolucionismo, em suma, de novos conceitos e avanços científicos do século XIX. Entretanto, o estudo de novas correntes que obteve maior repercussão em nosso contexto literário foram as críticas produzidas por Machado de Assis (1839-1908), em 1878, sobre *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *O Primo Basílio* (1878), ambos do escritor português Eça de Queirós (1845-1900).

A fim de acentuar as distinções entre o Realismo e o Naturalismo, afirmamos:

O Naturalismo surgiu no Brasil como uma “literatura imoral”, em face dos preconceitos provincianos. Na verdade, sua ação teve caráter reformista: uma adequação do país aos padrões estéticos e ideológicos mecanicistas da Europa industrializada. Temas ou assuntos característicos do Naturalismo – como o anticlericalismo, o republicanismo, a luta contra o preconceito racial e contra o puritanismo sexual – permitiram novas definições sócio-culturais sobre a identidade do país. (Abdalla e Campedelli 2004: 138)

A literatura produzida nesse período utilizou tanto o cientificismo, quanto, em certa medida, o grotesco, na tentativa de compor um mosaico da sociedade, confirmando que as atitudes humanas podem ser explicadas através de aspectos fisiológicos, biológicos e científicos.

Quando lançado, *Bom-Crioulo* provocou algumas reações exaltadas sobre a imoralidade do tema, além de uma onda de mexericos entre os críticos, que tentaram enxergar na vida do autor um espelho do escrito. Na opinião de Howes (2005), isso se deve ao fato de Adolfo Caminha não cultivar boas relações entre o círculo literário da época. A crítica literária brasileira mais recente dedica espaços variados ao romance. Na historiografia e em muito de sua fortuna crítica, a obra normalmente tem sua importância reconhecida entre o cânone naturalista: “resiste ainda hoje a uma leitura crítica que descarte os vezos da escola e saiba apreciar a construção de um tipo, o mulato Amaro, coerente na sua personalidade que o move, pelos meandros do sadomasoquismo, à perversão e ao crime” (Bosi 2012: 217; grifo nosso).

Na visão de Antônio Cândido (2007), “Adolfo Caminha, indo mais longe e fazendo obra bem melhor [em relação ao citado romance *A carne*, de Júlio Ribeiro], escreveu o primeiro romance brasileiro centralizado pelo homossexualismo (*sic*): *Bom-Crioulo*.” (2007: 71)

A crítica Lúcia Miguel-Pereira (1960) compara a obra aos melhores momentos atingidos por Aluísio Azevedo (1857-1913), como *N’O Cortiço* (1890), chegando a considerá-los pontos altos do Naturalismo. Ao lado desse reconhecimento, ela confessa desconforto com o universo temático retratado por Caminha:

Até o mau-gosto por vezes desagradável de Caminha como que torna mais convincente a triste condição dos homens que evoca, oficiais endurecidos pelo hábito do mando, marinheiros desmoralizados por uma disciplina cruel. Gente rudimentar, gente grosseira – mas gente de verdade, obrigando o leitor a sentir a fatalidade do destino que a faz tão miserável. (Miguel-Pereira 1960: 9)

A despeito de um padrão que insiste na anormalidade do desejo homossexual, pois vinculado ao olhar cientificista reprodutor, o romance entrelaça categorias interseccionais, como raça, gênero e classe, misturando-as a partir de um denominador

comum: as paixões que levam as personagens a pagar um alto preço pelo vínculo erótico.

SEXUALIDADES ABJETAS

Howes (2005) destaca que a obra é “o primeiro grande romance brasileiro a tratar da homossexualidade e um dos primeiros a ter um herói negro.” (2005: 171). Bezerra (2006) afirma que *Bom-Crioulo* foi antecedido por *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal (1850-1914) e *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia (1863-1895), no Brasil; e pel *O Barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho (1855-1917), em Portugal.

A relação do marinheiro negro Amaro com o grumete louro Aleixo termina no ponto onde se iniciara. O jovem consegue fazer de Amaro seu escravo – replicando, assim, na relação erótica, a escravidão que Amaro havia deixado para trás. O negro é convertido ao seu destino infeliz – dele teria escapado temporariamente. A paixão desenfreada o restitui à antiga forma violenta. Aleixo, de rapazinho inocente, passa a manejar com desenvoltura as armas e estratégias da malícia, remetendo ao tipo de mulher perigosa e ardilosa; Carolina, que complementa o triângulo aparentemente invertido, apresenta-se vitimizada ao leitor, na condição de mulher e ex-prostituta; contudo firma-se, com o desenrolar da narrativa, em uma mulher sedutora e manipuladora.

Nesse jogo entre descrição e condenação, como dissemos anteriormente, avanços e retrocessos, a relação Amaro-Aleixo é comparada, em diversas passagens, a um delito contra a natureza, idéia, aliás, compartilhada entre os demais marinheiros, ainda que muitos o pratiquem. É importante frisar a onipresença do corpo. Trata-se de uma obra erótica e sensual, que traz um ícone da estética *gay*: o marinheiro. O fetiche do marinheiro é flagrante na personagem Aleixo, cuja delicadeza é pintada em detalhes. Aceitando a proteção oferecida por Amaro e rendendo-se às investidas eróticas, Aleixo surge ao leitor como um Apolo iluminado pelo alvo uniforme:

quem o visse agora, lesto e vivo, acudindo à manobra, muito aseado sempre na sua roupa branca, o boné, de um lado, a camisa um pouquinho decotada na frente, deixando ver a cova do pescoço, ficava lhe querendo bem, estimava-o deveras. Essa metamorfose rápida e sem transição perceptível foi obra de Bom-Crioulo, cujos conselhos triunfaram sem esforços no ânimo do grumete, abrindo-lhe na alma ingênua de criança o desejo de conquistar simpatias, de atrair sobre a sua pessoa a atenção de todos. (Caminha 1991: 40-41)

Ao longo da narrativa, Aleixo é marcado pela passividade, podendo ser interpretado como um “pólo feminino”. Com sua graça e juventude, termina disputado pelo negro másculo, homossexual, e Carolina, a portuguesa proprietária da pensão na qual Amaro aluga um quartinho para o casal se encontrar. Ex-prostituta de meia-idade, heterossexual, solteira, a mulher reivindica a posse do jovem afeminado. Pelo que foi

exposto até aqui, podemos depreender que as identidades de gênero apresentam-se embaralhadas, pois as características das personagens fogem aos tipos tradicionais. Em outras palavras, em termos interseccionais, tanto a sexualidade quanto o gênero são expostos de forma fluida e transgressora, para os padrões da época, porém a raça é o pólo onde os estereótipos se fazem mais presentes. O narrador enfatiza a negritude de Amaro, da mesma forma que acentua a origem portuguesa de Carolina e os traços louros de Aleixo: “Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher!...que beleza de pescoço, que delícia de ombros!...” (Caminha 1991: 58)

Amaro e Carolina apresentam marcas ativas, configurando-se, numa leitura heteronormativa, como pólos “masculinos”. Por outro lado, é marcante, no rapaz, a submissão ao desejo do amante, despindo-se, obediente: “exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo.”; “o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça.” (Caminha 1991: 57). A delicadeza de Aleixo contrasta com a força física que é uma das marcas do “Bom-Crioulo”. Ele é forte como um touro, flexível e ágil como um felino – um predador, talvez uma pantera:

Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea... (Caminha 1991: 56);

Às nove horas, quando Bom-Crioulo viu Aleixo descer, agarrou a maca e precipitou-se no encaço do pequeno. Foi justamente quando o viram passar com a trouxa debaixo do braço, esgueirando-se felinamente. (Caminha 1991: 47)

A paixão, no romance, é concebida como uma das fraquezas comuns à espécie humana, independente do sexo. Visão avançada, para o século XIX, no entanto, tornada complexa à luz de um triângulo amoroso que só é possível a partir de papéis específicos: Negro masculino *versus* mulher masculinizada *versus* grumete feminino. Na verdade, tanto a ex-prostituta quanto o ex-escravo se apaixonam pela “mocinha” presente no grumete – este, vale-se disso para garantir seu sustento. O jovem é vítima até de um “defloramento” por parte de Carolina.

Se, durante o Romantismo, pode-se notar um apagamento do protagonismo negro, na obra em questão se dá seu resgate. Por um lado, vale ressaltar que Amaro apresenta qualidades convenientemente associadas aos heróis: coragem, resistência, senso de justiça. É ainda personagem complexa, bem delineada, pois está longe de ser perfeito. Às vezes, sucumbe à raiva, bebe em excesso, se entedia. Sobretudo nos castigos físicos, Amaro é descrito de forma animalizada, sobre-humana, afinal foi por meio das chibatadas da triste vida de outrora, como escravizado, que o marinho desenvolveu costas férreas: “Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom-Crioulo com o seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como (...) se trabalhava com gosto” (Caminha 1991: 35).

Por outro lado, a tragicidade que permeia a obra remete ao “amargo” (do Latim *amaro*) da paixão carnal fadada à ruína. O nome também remetia à obra célebre O

crime do Padre Amaro (1875), de Eça de Queiroz, a qual retrata uma trama de paixão e ruína e tem como palco uma homônima Rua da Misericórdia. A personagem é um exemplo de Zoomorfização, traço do ideário determinista. Vincula-se ao erotismo, uma vez que a relação entre Amaro e o grumete reproduz o transbordamento dos limites proporcionado pela experiência erótica, como Bataille a descreve: “a animalidade é mesmo tão bem mantida no erotismo, que o termo animalidade, ou bestialidade, não cessa de lhe estar ligado.” (Bataille 2013: 118) Carolina é também zoomorfizada – o recurso torna-a mais próxima do estereótipo másculo e empresta-lhe características grotescas. Tem pêlos no buço; seu corpo de mulher madura aproxima-a de uma “uma grande corveta bojuda” (Caminha 1991: 59) e, finalmente, assemelha-a a uma vaca no campo que só falta urrar.

Em seus embaralhamentos de gêneros e paixão interracial, a obra de Caminha representa três tipos: o negro, o sodomita e a mulher masculinizada (Alós 2009: 19). A representação tipológica é garantida pela inspiração dos romances de tese naturalistas. Essas categorias se encaixam no que McClintock (2010) denomina tipos “abjetos”. Todos também pertencem à zona abjeta dos trabalhadores humildes, pois vivem dos poucos recursos obtidos de suas atividades laborais.

SOBRE UM TABULEIRO DETERMINISTA: FREUD E DARWIN

As personagens têm pouca chance de escapar ao destino. Em sua trajetória, que se compara a movimentos sobre uma espécie de tabuleiro de jogo, são presas fáceis de determinismos, isto é, a influência do meio, da raça, do momento: “Desnuda-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou as culturas (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade” (Bosi 2012: 169).

Nesse contexto, o espaço é item de grande relevância sobre o tabuleiro do jogo literário. “Há no romance uma atenção pormenorizada pelo ambiente, lugares e paisagens que tenderão a revelar e justificar a psicologia dos personagens, dos quais são ao mesmo tempo signo, causa e efeito.” (Bernardi 1975: 271). Em síntese, três ambientes estruturam a narrativa: as embarcações (corveta, couraçado); o sobradinho da Rua da Misericórdia e o hospital. A corveta apresenta-se através de imagens e metáforas que vão da glória à decadência. “enorme garça branca” / “esquife agourento” / “esplêndido aspecto guerreiro” / “grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar”.

A embarcação, organicamente, irá decidir o destino do “Bom-Crioulo”. Inicialmente, é palco onde ele desempenha com gosto suas tarefas e passa de escravo fugido a marinheiro elogiado pelos superiores, de onde vem sua alcunha. Na horizontalidade do espaço externo do convés, goza do vento e do contato revigorante do mar, o qual remete sempre à liberdade, opondo-se às crueldades da escravidão: “Todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida que até lhe vinha vontade de chorar” (Caminha 1991: 27). É nesse mesmo espaço que conhe-

ce o jovem grumete. O navio assiste à sua metamorfose – de homem marcado pela exuberância física, passa à decadência total. Inclusive, o narrador salienta que ele era, inicialmente, contrário às paixões homossexuais: “Revolta-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam ali mesmo sobre o convés” (Caminha 1991: 43). Mas consonante com a estética naturalista, a natureza termina por ditar as normas: “Justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplo ali mesmo a bordo (...) Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos podem resistir: a natureza pode mais que a vontade humana” (Caminha 1991: 62).

No triângulo amoroso entre os dois marinheiros e a ex-prostituta, transparece uma série de condutas que Sigmund Freud (1856-1939) classificaria como “inversões”, em seus inumeráveis graus. Tais idéias encontram-se reunidas n’*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2016 [1905]), um dos trabalhos mais conhecidos do “Pai da Psicanálise”, no qual, à luz das teorias sobre a sexualidade vigentes desde o século XIX, o psicanalista disserta sobre o infantil, as perversões e os fetiches.

AS “INVERSÕES” DE GÊNERO

Uma característica central para a compreensão da trama é a possessividade de Amaro em relação a Aleixo, traço tipicamente associado a relações heteronormativas. Freud salienta que a homossexualidade é prática atemporal e subordinada às regras da sua época, embora não se liberte, em seus escritos, das concepções conservadoras e falocêntricas sobre gênero:

Dos gregos, onde os homens mais viris figuravam entre os *invertidos*, está claro que o que inflama o amor do homem não era o caráter masculino do efebo, mas sua semelhança com uma mulher, bem como seus *atributos anímicos femininos*: a timidez, o recato, e a necessidade de ensinamentos e assistência. (FREUD 2016 [1905]: 23; grifos nossos)

Assim sendo, podemos vislumbrar o modo com que, pelo elenco de atributos estereotípicos, o autor engendra um deslocamento do gênero de Aleixo, feminilizando-o:

Era um misto de amor, ciúmes e ódio. Aleixo era uma terra perdida que ele devia conquistar fosse como fosse, ninguém tinha o direito de lhe roubar aquela amizade, aquele tesouro de gozos, aquela torre de marfim construída pelas suas próprias mãos. Aleixo era seu, pertencia-lhe de direito, como uma coisa inviolável. (Caminha 1991: 57)

A relação entre amor/ódio apresenta-se como pendular. Freud localiza esse processo no inconsciente: “é por intermédio dessa ligação da libido com a crueldade que se dá a transformação do amor em ódio, das emoções afetuosas em monções hostis,

que é característica de um grande número de casos de neurose e até do que parece da paranoia em geral” (Freud 2016 [1905]: 59).

Na tipologia freudiana, poderíamos falar em “Inversões Objetais” presentes na trama de Adolfo Caminha. Trata-se de “inversões” na escolha de objeto amoroso, diferenciando entre “objeto amoroso a pessoa de quem provém o objeto sexual e alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele”. Aleixo poderia ser o que hoje denominamos “bissexual”, isto é, um invertido anfígeno “ou seja, seu objeto sexual pode pertencer tanto ao mesmo sexo quanto ao outro” (Freud 2016 [1905]: 22). Essa característica se faz presente, no texto, como no seguinte trecho: “começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca antes experimentados, como uma vontade ingênita de ceder aos caprichos [de Amaro]” (Caminha 1991: 127). Amaro é um “invertido completo”, posto que só se relaciona com seres do mesmo sexo, salvo uma única experiência heterossexual, em seu passado, como ele relembra. A respeito dos invertidos, Freud postula que “O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldades de apurá-lo com precisão (...) comportam-se de maneira muito diversificada em vários aspectos” (Freud 2016 [1905]: 20). Dessa forma, as três personagens são exemplo do *continuum* de “Variações [que] coexistem independentemente umas das outras” (Freud 2016 [1905]: 22) entre os invertidos. Aleixo é a personificação de “uma conjugação de caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher: e por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual” (Freud 2016 [1905]: 22), enquanto Carolina é catalisadora das manifestações anímicas para com o outro sexo, performando desenvolvida e desinibida libido: “porque é que ela, com os seus trinta e oito anos, não tinha o direito de gozar? Historias! Mulher é sempre mulher e homem sempre é homem” (Caminha 1991: 65).

A despeito da tipologia taxativa que propõe em suas teses, Sigmund Freud esboça que a escolha do objeto sexual é mais fluida do que se convencionaria. Assim sendo, podemos vislumbrar a natureza das pulsões, sendo necessário diferenciá-la:

É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (...) o essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa, (...) por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente =, para diferenciá-los do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. (Freud 2016 [1905]: 136)

As pulsões pertencem a esse entre-reinos, transitam entre a alma e o corpo e, doravante, à possibilidade da bissexualidade absoluta, posto que essa separação permite uma afeição sem predileções. Indo na contracorrente de seu tempo, Freud afirma que a criança é a materialização do que veio a conceituar “perverso polimorfo”, em suma, que o ser durante a infância, não somente é capaz, como também busca o prazer em todo seu tecido epitelial. A falha do desenvolvimento adulto em sublimar esses desejos é o que para Freud acarretaria em males como o alcoolismo e a mas-

turbação. A relação entre os dois homens corrobora-se pelo enlouquecimento que é passível de todo enamoramento. A valorização psíquica, com que é aquinhado o objeto sexual,

se propaga, antes, por todo o seu corpo, e tende a abranger todas as sensações provenientes do objeto sexual. A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual, e também como uma submissão crédula aos juízos dele provenientes. (Freud 2016 [1905]: 123)

Em consonância com o arcabouço teórico-científico caro ao Naturalismo, não se pode esquecer a influência do pensamento de Charles Darwin (1809-1882) sobre as teorias freudianas. “Como jovem estudante e posteriormente, como dedicado pesquisador científico, Freud admirava enormemente Darwin, que havia conquistado popularidade considerável em toda a Europa.”³ Também é preciso lembrar que Darwin figura entre as três feridas narcísicas descritas por Freud no *Mal-estar da civilização* (2011 [1929]), já que, por meio de sua contribuição ao pensamento científico, teria trazido a noção de que o ser humano descende dos primatas.

Para Freud, a *Origem das espécies* (1859) teria sido o livro mais importante já escrito (Bergman 2010). Mas é em outra obra de Darwin, *A origem do homem* (1871), que encontramos uma relação entre o modelo de zonas erógenas demarcadas por Freud, no já citado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a qual

postula que um processo contínuo do animal para o homem, além de diferentes estágios dentro da evolução humana, os quais são uma seqüência temporal que também é uma forma de progresso, uma hierarquia variando das formas mais primitivas às mais nobres: animais mais baixos, mais elevados, o “selvagem”, homem civilizado. (...) Como muitos outros em seu tempo, Freud aceitou essas idéias e as utilizou, a fim de sustentar suas visões no progresso da civilização através das dificuldades.⁴

No interior desse paradigma, localiza-se a crença generalizada de que qualquer comportamento é derivado de instintos básicos produzidos pela seleção natural, na luta para garantir a sobrevivência. Esse ímpeto para a reprodução e para a sobrevi-

3 “As a young student and later, during his early years as a dedicated scientific researcher, Freud great admired Darwin, who had gained considerable popularity throughout Europe.” (Disponível em: [www.encyclopedia.com > darwin-darwinism-and-psychoanalysis](http://www.encyclopedia.com/darwin-darwinism-and-psychoanalysis))

4 “that postulated a process of continuous evolution from animal to man and distinguished stages within human evolution, that is, a temporal sequence that was also a form of progress, a hierarchy ranging from the most primitive forms to the most noble: lower animal, higher animals, the “savage”, civilized man (...). Like many others at the time, Freud accepted these ideas and used them to support his views on the progress of civilization through the difficult.” (Disponível em: [www.encyclopedia.com > darwin-darwinism-and-psychoanalysis](http://www.encyclopedia.com/darwin-darwinism-and-psychoanalysis))

vência correlaciona-se aos conceitos psicanalíticos de pulsão, libido, ou mesmo Eros. Na obra de Caminha, justamente as personagens se apresentam como guiadas por uma necessidade imperiosa (mesmo apresentando grande risco de provocar a decadência e a ruína), diante da qual pouco ou nada adiantam as faculdades da razão. Bergman (2010) defende que a insistência numa pulsão que conduz os indivíduos à perpetuação da espécie, por meio da reprodução e dos laços libidinais com outros organismos, revestiria a obra freudiana do contexto sexual, tornando a sexualidade o ponto central de sua definição de Psiquê. Também nesse sentido, o romance naturalista aqui abordado traz a sexualidade, as trocas eróticas e corporais como espinha dorsal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, procuramos contextualizar brevemente o período de eclosão das estéticas realista e naturalista, da Europa, onde surgem, até seus ecos em solo brasileiro. Assim, estabelecemos algumas distinções entre Realismo e Naturalismo. O Naturalismo pode ser considerado uma radicalização dos preceitos realistas, principalmente no que tange aos determinismos que guiam o comportamento humano.

Localizamos a presença da obra de Adolfo Caminha nos compêndios de literatura brasileira, com o intuito de traçarmos um breve painel do consenso das qualidades literárias do *Bom-Crioulo*, juntamente com a constatação dele ter sido um dos primeiros romances a se debruçar sobre a temática do homoerotismo.

É inegável a centralidade da temática sexual na obra. Partindo de um trágico triângulo amoroso, os tipos reunidos deixam-se guiar pelo envolvimento erótico, num embaralhamento instigante de gêneros. Amaro, negro másculo, homossexual, apaixona-se perdidamente pelo delicado e louro grumete Aleixo. Este, valendo-se da proteção felina de Amaro, envolve-se sexualmente com Dona Carolina, quem, ativamente, inicia a sedução do rapaz, chegando a deflorá-lo. Atividade e passividade se embaralharam, no entanto retornam aos estereótipos conhecidos de feminino = passivo e masculino = ativo. Além disso, a transgressão de Amaro é punida com a decadência e a morte, para a qual ele arrasta o amante, num acesso de fúria. Trazendo um herói negro, não destituído de qualidades nobres, porém complexo, a obra ainda inova no aspecto interracial, com os três amantes unidos numa trama libidinosa. Demarca, dessa forma, avanços e retrocessos; nessa “meditação ambígua e angustiada” (Howes 2005: 171), os retrocessos (ou permanências) remetem ao contexto cientificista, caro ao período. O pensamento de Sigmund Freud, notadamente expresso nos tratados d’*Os três ensaios sobre a sexualidade* é contemporâneo a esse arcabouço teórico, igualmente construído a partir das teorias divulgadas por Charles Darwin. O próprio Adolfo Caminha explica a inspiração central de sua obra: “Que é, afinal de contas, o Bom-Crioulo? Nada mais que um caso de *inversão* sexual (grifo nosso) estudado em Kraft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal” (Howes 2005: 175).

Nessas teses, reforça-se a vertente da sexualidade enquanto propulsora (pulsão, libido) da sobrevivência da espécie, assegurando a continuidade do organismo, assim como o social enquanto espelho do biológico, apresentando-se a espécie humana como guiada por forças eróticas.

OBRAS CITADAS

ABDALLA, B., e S. Y. Campedelli. *Tempos da Literatura Brasileira*. São Paulo. Ática, 2004.

ALÓS, Anselmo Peres. Corpo e gênero no romance oitocentista brasileiro: uma leitura de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. *Terra Roxa e outras terras: revista de estudos literários* (Londrina), v. 15, jun. 2009. p. 16-25. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol18/TRvol18sum.pdf. Acesso em: 10 agosto 2021.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BERGMAN, Jerry. Freud and Darwinism. *Journal of creation*, 24(2), 2010. Disponível em: https://creation.com/images/pdfs/tj/j24_2_117-121.pdf. Acesso em: 10 agosto 2021.

BERNARDI, Rosse Marye. O espaço: integração e sentido investido em “O Bom-Crioulo”. *Revista Letras* (Curitiba), v.24, p. 269-279, 1975. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19608>. Acesso em: 10 agosto 2021.

BEZERRA, Carlos Eduardo. *Bom-Crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil*. *Revista de Letras* (Fortaleza), v. 1, n. 28, p. 1-16. 2006. Disponível em: https://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1112/2006_art_C%20E%20Bezerra.pdf. Acesso em: 10 agosto 2021.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1991.

CAMPEDELLI, S.Y., e J.R. Souza. *Literatura, Produção de Texto e Gramática*. São Paulo: Saraiva, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FREUD, S. *Obras completas. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

FREUD, S. *O malestar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

HOWES, Robert. *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. Graphos. Revista de Pós-Graduação em Letras (João Pessoa), v. 7., n.2/1, pp. 171-190, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/issue/view/808>. Acesso em: 10 agosto 2021.

McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Trad. Plínio Dentzien. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Adolfo Caminha: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Realismo*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1985.

OLIVEIRA, S. *Realismo na Literatura Brasileira*. Curitiba: IESDE: 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.